

ISSN 0104-1886

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS**

CADERNOS DO I. L.

Nº 13

JULHO DE 1995

1995, 1	1995, 1
1995, 2	1995, 2
1995, 3	1995, 3
1995, 4	1995, 4
1995, 5	1995, 5
1995, 6	1995, 6
1995, 7	1995, 7
1995, 8	1995, 8
1995, 9	1995, 9
1995, 10	1995, 10
1995, 11	1995, 11
1995, 12	1995, 12
1995, 13	1995, 13
1995, 14	1995, 14
1995, 15	1995, 15
1995, 16	1995, 16
1995, 17	1995, 17
1995, 18	1995, 18
1995, 19	1995, 19
1995, 20	1995, 20
1995, 21	1995, 21
1995, 22	1995, 22
1995, 23	1995, 23
1995, 24	1995, 24
1995, 25	1995, 25
1995, 26	1995, 26
1995, 27	1995, 27
1995, 28	1995, 28
1995, 29	1995, 29
1995, 30	1995, 30
1995, 31	1995, 31
1995, 32	1995, 32
1995, 33	1995, 33
1995, 34	1995, 34
1995, 35	1995, 35
1995, 36	1995, 36
1995, 37	1995, 37
1995, 38	1995, 38
1995, 39	1995, 39
1995, 40	1995, 40
1995, 41	1995, 41
1995, 42	1995, 42
1995, 43	1995, 43
1995, 44	1995, 44
1995, 45	1995, 45
1995, 46	1995, 46
1995, 47	1995, 47
1995, 48	1995, 48
1995, 49	1995, 49
1995, 50	1995, 50
1995, 51	1995, 51
1995, 52	1995, 52
1995, 53	1995, 53
1995, 54	1995, 54
1995, 55	1995, 55
1995, 56	1995, 56
1995, 57	1995, 57
1995, 58	1995, 58
1995, 59	1995, 59
1995, 60	1995, 60
1995, 61	1995, 61
1995, 62	1995, 62
1995, 63	1995, 63
1995, 64	1995, 64
1995, 65	1995, 65
1995, 66	1995, 66
1995, 67	1995, 67
1995, 68	1995, 68
1995, 69	1995, 69
1995, 70	1995, 70
1995, 71	1995, 71
1995, 72	1995, 72
1995, 73	1995, 73
1995, 74	1995, 74
1995, 75	1995, 75
1995, 76	1995, 76
1995, 77	1995, 77
1995, 78	1995, 78
1995, 79	1995, 79
1995, 80	1995, 80
1995, 81	1995, 81
1995, 82	1995, 82
1995, 83	1995, 83
1995, 84	1995, 84
1995, 85	1995, 85
1995, 86	1995, 86
1995, 87	1995, 87
1995, 88	1995, 88
1995, 89	1995, 89
1995, 90	1995, 90
1995, 91	1995, 91
1995, 92	1995, 92
1995, 93	1995, 93
1995, 94	1995, 94
1995, 95	1995, 95
1995, 96	1995, 96
1995, 97	1995, 97
1995, 98	1995, 98
1995, 99	1995, 99
1995, 100	1995, 100

ressurgem, aí, os dados que articulam as regiões colonizadas do novo continente, ou seja, o conflito entre colonizados x colonizadores.

Conclui-se que o homem dividido entre essência e aparência, o espaço, entre sagrado e profano, e o tempo, entre histórico e mítico, passam a refletir a própria *conditio*, a divisão do escritor brasileiro e nordestino, nesse caso, Jorge de Lima. Lado a lado àquilo que é valorizado no seu texto como regional (o local), faz-se presente o universal, indicado pelo que, deixando de ser factual, torna-se o imaginário de sua narrativa e que lhe confere o estatuto de literária.

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1973. v. III.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- CARVALHAL, Tânia Franco. "Fidelino de Figueiredo: comparativismo e fronteiras". In: *LETRAS*, Universidade Federal de Santa Maria: v. 1, n. 1 (jan. 1991).
- GUILLÉN, Claudio. *Entre lo uno y lo diverso; introducción a la literatura comparada*. Barcelona: Editorial Crítica, 1985.
- LIMA, Jorge de. *Calunga*. Porto Alegre: Globo, 1935.
- MACHADO, Álvaro Manuel & PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa: Edições 70, s.d.
- WELLEK, René. *Conceitos de crítica*. São Paulo: Cultrix, s.d.

NA HISTÓRIA COM SARAMAGO

(Lévy, Ubaldo, Camões, Pessoa)

Jane Tutikian*

Considerando o panorama geral da literatura brasileira, veremos que o comparatismo - organizado na Europa e nos Estados Unidos já no século XIX - está presente, ainda que de maneira difusa, desde os primórdios de nossa crítica, o que é pouco se atentarmos para a colocação de Nitrini de que "a literatura comparada é tão velha quanto a própria literatura. Sua pré-história remonta às literaturas grega e romana." (1986,39)

Há mais de quarenta anos, Antonio Candido afirmava que estudar literatura brasileira era estudar literatura comparada. Isso porque, das origens da crítica à atualidade, um dos critérios de avaliação tem sido o estabelecimento de paralelo com autores estrangeiros, o que, num primeiro momento, correspondia a uma evidência textual voltada ao apoio das literaturas matrizes e, posteriormente, ao estabelecimento do diálogo entre diferentes textos, literaturas e culturas.

É a partir de 79 que o comparatismo se organiza de forma sistêmica. E tal o interesse produzido pelo rigor crítico com que busca estabelecer as relações de semelhanças e diferenças entre textos, literaturas e disciplinas, proporcionando uma visão ampla da produção e manifestação artística e da própria universalidade da cultura, que, o último decênio, em que pese o reduzido espaço de tempo, pode ser apontado como o de sua consolidação na área acadêmica e intelectual, tanto como disciplina como quanto modalidade de investigação literária. Contribui, significativamente, para isso a constituição, em Porto Alegre, em 1986, da ABRALIC - Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Hoje, a Literatura Comparada pertence ao currículo dos principais centros universitários brasileiros em nível de graduação e de pós-graduação, produzindo avanços importantes na área da pesquisa.

O certo é que a tendência atual da literatura comparada no país é marcada pela pluralidade de temas e pela diversidade de análise e, se

* Profa. do Setor de Literatura Portuguesa do DECLAVE.

tomarmos, o que aqui nos interessa, sua relação com Portugal, ultrapassa, de longe, os ranços nacionalistas - e foi o que ela teve contra si -, porque portadores da questão da originalidade e, portanto, da dívida.

Do país novo a que alude Antonio Candido em *Literatura e subdesenvolvimento* (1987) ao país subdesenvolvido, é que vão se inscrever os estudos de fontes e influências desmitificando a originalidade e, posteriormente, alinhando-se com as investigações estrangeiras, superando e renovando o conceito de influência pelo de intertextualidade.

Quer dizer, evolui-se de uma composição histórico-colonial em que a metrópole teria sido primeiro Portugal e, depois, a França evolui-se de uma visão eurocêntrica em que se levantam semelhanças entre obra e fonte, assegurando uma visão historicista e positiva do fenômeno literário. Tomando a linha de pensamento de Perrone-Moisés (1990,99) - a partir de Pichois e Rousseau, cujas propostas teóricas modificam os pressupostos e objetivos comparatistas, mostrando que a literatura se produz num constante diálogo de textos por retomada, empréstimos e trocas - as teorias de Tinianov (revisão da tradição); Bakhtin (o novo discurso do dialogismo); Kristeva (intertextualidade); Borges (teoria da leitura) e Oswald (antropofagia cultural) levam a privilegiar a busca das diferenças sobre as analogias, o estudo das transformações sobre o dos parentescos, a análise das absorções e integrações como uma superação das influências.

Em seu artigo *Da influência ao intertexto* (1991,472) Perrone-Moisés trabalha fundamentalmente com três conceitos: influência, intertextualidade e recepção.

Aí, ao retomar a concepção de Kristeva de que "todo o texto se constrói como um mosaico de citações, todo o texto é a absorção ou transformação de um outro texto" ou ainda: "o texto literário se insere num conjunto de textos; ele é uma escritura-réplica (função e negação de outro(s) texto(s))" (Apud: PERRONE-MOISÉS, 1991,472), Leyla comenta que a intertextualidade engloba toda a literatura que é sempre textos entre textos e que a visão de Kristeva, diferente da visão tradicional comparatista de influência, privilegia a diferença, a absorção e a transformação.

Assim, a influência caiu em suspeição pelo positivismo, pelo historicismo linear e pelo logocentrismo e, na medida em que deixa transparecer a recepção passiva ou a imitação reverente a um ou mais

autores, tem interesse para a história das formas, mas não interesse estético intrínseco.

Fica claro, então, o entendimento de que a literatura não é um fenômeno isolado mas relacional e que o conceito de fontes ultrapassa o de imitação, havendo, portanto, a existência de um diálogo entre textos capaz de excluir a dívida, levando à "transcendência dos modelos" pela transformação criadora, capaz de, por isso mesmo, produzir uma nova configuração. Em outras palavras, a análise das absorções e integrações como superação das influências.

Importam tais colocações porque através da revisão de conceitos, através do objeto que a literatura comparada toma para si (obra/obra, autor/autor, movimento/movimento, tema...) e, por fim, através da sua própria ampliação - já que possui uma "função intervalar" - os estudos que vinculam autores portugueses a autores brasileiros ou outros preservam as características específicas do polissistema a que pertencem.

Depois de Luís de Camões e Fernando Pessoa ou, ainda, Eça de Queirós, é José Saramago o escritor português, até pelo seu caráter polêmico e renovador, pela inserção do romance histórico numa zona de ruptura, de contra-imagem, a ocupar o lugar de maior popularidade no Brasil. Daí a proposta, no presente trabalho, de esboçar a visão de comparatistas e pesquisadores brasileiros sobre a sua obra a partir dos estudos *Que fareis com este livro?* (1991), onde Tereza Cristina Cerdeira da Silva trabalha com a constatação do texto fundador de Saramago em Camões - portanto dentro de um mesmo polissistema - a intertextualidade e o dialogismo que se estabelece entre *Os Lusíadas* e a obra de José Saramago; *A memória invencível: literatura e história em João Ubaldo Ribeiro e José Saramago*, em que Magda Medeiros Furtado (1991) trabalha com a interdisciplinaridade e a permeação textual entre o texto histórico e o ficcional em Saramago e João Ubaldo Ribeiro; e *O ano da morte de Charles Baudelaire* (1991), onde Edson Rosa da Silva, voltado para a intertextualidade, coloca à mostra o diálogo entre Bernard-Henri Lévy e José Saramago, evidenciando semelhanças e diferenças.

Em seu artigo, Rosa da Silva (1991,96) desvenda o dialogismo a partir do papel que a oposição ficção/história desempenha em cada autor. Em Saramago, o ano de 1936 e a ficção inclusa, em Lévy, o tempo da fusão entre a biografia real e a biografia ficcional, a "alter-biografia".

Importante diferença[...] E, neste sentido, o gesto criador/renovador de Saramago ganha uma dimensão bem maior do que o de Lévy. Talvez - ou mesmo certamente - porque o Segundo Império interesse menos ao projeto ideológico do escritor francês do que o questionamento ideológico-político que a revisão de 1936 permite a José Saramago. (ROSA DA SILVA, 1991, 97)

Observa-se, aí, além da diferença de proposta ideológica, a de proposta literária. Saramago recria uma personagem duas vezes falsa: um heterônimo de Pessoa, Lévy, ao contrário, reconstitui, pela ficção, uma biografia.

Fato real versus produto ficcional. De um lado, história do tempo + ficção de vidas; de outro, história fragmentada da vida + fragmentos ficcionais da mesma vida. Nos dois casos, o poder e a força da escritura que cria a história e a vida, que inscreve sentido novo no ano em que morre Ricardo Reis e nos últimos dias da vida de Charles Baudelaire [...] (Idem, 98).

É pelo que chama de "pacto do fingimento" ou "por arrombamento" que Edson Silva os aproxima, pela completa destruição do procedimento mimético-naturalista para a recriação, e a recriação significa a correção ficcional dos fatos históricos.

Assim, referindo-se a Borges, no texto sobre a Biblioteca de Babel, o comparatista ilustra, através de Saramago e Lévy, as "intercalações de cada livro em todos os livros" (Apud: ROSA DA SILVA, 1991,100), ou em outras palavras, o que considera ilustração da melhor ilustração para o conceito de intertextualidade: o texto de Borges.

Se Rosa da Silva falava, em seu artigo, em devoração da história e devolução em forma de fábula (no sentido de implícito ficcional), muito mais objetiva é Magda Furtado em seu *A memória invencível: literatura e história em João Ubaldo Ribeiro e José Saramago* (1991,466), quando afirma:

O que José Saramago e João Ribeiro fazem, no entanto, é resgatar a História através da memória invencível da literatura. Despojada de qualquer pretensão da verdade, desmontadas as versões oficiais, surge uma outra História na voz dos narradores populares, na memória coletiva que a literatura recupera. (Idem,466)

A partir de então, ela passa a mostrar o imaginário brasileiro, pela presença das paródias de obras literárias, no romance de Ubaldo, *Viva o povo brasileiro*, e o imaginário cultural português em *O ano da morte de Ricardo Reis*, revelado pelas vozes de Fernando Pessoa e Luís de Camões.

O que fazem os dois romancistas, ao tomar a história como fio condutor de uma narrativa ficcional, é botar o dedo nas feridas mal cicatrizadas do imaginário cultural do Brasil e Portugal. Saramago se detém num tempo que nenhum português pode esquecer, deixando o momento da ascensão do fascismo em Portugal dar mostra de todo o seu horror estampado na linguagem dos jornais. João Ubaldo faz um corte longitudinal, porém seletivo, na história do Brasil, mostrando a face ideológica da história oficial, escovando a história a contrapelo, para falar *com* Walter Benjamin. (Idem, 467)

Por essa perspectiva, Furtado conclui que ambas as obras resgatam fragmentos do passado, através de ficcionistas que olham a história com "olhos desconfiados".

A ligação que já se pode estabelecer, então, entre os estudos de Edson Rosa da Silva e Magda Medeiros Furtado é a apreensão, em Saramago, Lévy e Ubaldo, pela perspectiva da intertextualidade e interdisciplinaridade, dentro de um mesmo processo de reinvenção ficcional, da história.

O texto de Tereza Cristina Cerdeira da Silva *Que farei(s) com este livro?: de José Saramago: um exercício da memória cultural portuguesa* (1991,37) também passa, evidentemente, pela mesma concepção, mas tem uma particularidade que o distingue dos demais: enquanto aqueles trabalham a intertextualidade entre obras pertencentes a diferentes

polissistemas, Cerdeira investiga, profundamente, o texto fundador de Saramago dentro do mesmo.

E com isto estarei a falar de um diálogo de textos, de uma conversa que os séculos não anulam, ao contrário, que o tempo parece sempre enriquecer em sua diversidade. [...] Trata-se da voz de Camões em sintonia com a de José Saramago, numa primeira instância, e com toda cultura contemporânea portuguesa de maneira mais geral. (Idem, 38)

Cerdeira só se permite tal reflexão porque tem como referencial teórico o conceito de intertextualidade já aludido, o que traz consigo a "ousadia" da apropriação, como um "roubo salutar de uma liberdade que ousa deslocar mitos perturbadores - como ousar escrever depois de *Os Lusíadas* [...], do *Quixote*?-para devorá-los e devolvê-los em outra produção." (Idem,38)

"Que fareis com este livro?" é uma frase pronunciada por Camões enquanto personagem da peça de José Saramago.

Se a interlocução é a opção pelo resgate da memória, segundo Cerdeira, Saramago responde à pergunta de Camões através de sua obra: seja pela epopéia social do Alentejo - classificação esta dada, em sua *História da literatura portuguesa*, por Lopes e Saraiva - *Levantado chão*; seja em uma "épica no ar", através de *Memorial do convento*; seja na anti-épica viagem de Ricardo Reis a Lisboa em *O ano da morte de Ricardo Reis*. Há, ainda, atesta a ensaísta, um certo Camões em *Uma jangada de pedra*. "Em cada um destes textos ecoa de uma forma ou de outra a memória de *Os Lusíadas*" (Idem,39) e Tereza Cristina Cerdeira da Silva o demonstra através da colagem de texto, para concluir que a releitura que os textos fazem do original abala-o enquanto "versão única e insuperável de uma magistral criação", entretanto, lhe devolve "uma outra permanência, feita da possibilidade de se ver multiplicado e acordado em outras vozes que foi capaz de originar." (Idem,40)

Assim, os três estudos são calcados na intertextualidade e, com ela, até porque não há como ser diferente em Saramago e na própria literatura portuguesa pós-74, a retomada da questão da História.

A literatura portuguesa pós-Revolução dos Cravos debruça-se sobre a sua própria história e a leitura do texto histórico induz ao texto

ficcional numa constante permutação intertextual. Por este caminho, José Saramago adere à história oficial para, pela ficção, revelar as suas histórias, as que inauguram a contra-imagem, presentificando o passado por olhos profundamente críticos. À verdade da história, Saramago acresce a verdade da ficção que, não raras vezes, termina sendo coincidente com a própria verdade da vida - o mesmo processo de João Ubaldo ou de Bernard-Henri Lévy - através de um diálogo entre a literatura e a história. Daí a afirmação de que o dialogismo é o traço de contemporaneidade na literatura portuguesa. Mas um diálogo em que a própria literatura termina revisando criticamente a história, analisando criticamente a tradição - marca fundamental da literatura portuguesa e da literatura do nosso tempo, pois, como comenta com muita propriedade Cerdeira:

Viver a contemporaneidade é também perceber que o tempo do fascínio absoluto foi ultrapassado por um diálogo mais democrático com a tradição. E, ao revisitar, de igual para igual, os mitos do passado, escapa-se, não só ao silêncio da criação sufocada pelo modelo incorruptível, tutelar, como, sobretudo acorda-se, com o gosto novo, a possibilidade de vida que a tradição pode conter quando ultrapassa a relação imitação/modelo. (Idem, 38)

E retomando a pergunta, "o que fareis com este livro?", Cerdeira responde e encontra eco no texto de Rosa da Silva e que serve, também, de respaldo à investigação Furtado:

De certa maneira, a contemporaneidade aposta no palimpsesto, nesse texto final e outro que, guardando os rastros tênues de um texto primeiro, se permite viver, não como rapina, que o devora e anula, mas como possibilidade de perpetuá-lo na diferença e no convívio com a multiplicidade de textos que, dizendo com as mesmas sedutoras palavras, vão elaborando versões sempre novas da memória dos homens. (Idem,41)

Que o digam Luís de Camões, Ricardo Reis e Fernando Pessoa, recriações de José Saramago, que o digam Bernard-Henri Lévy e João Ubaldo, em cujo resgate crítico atualizam a memória cultural, promovendo

novas visões de velhos tempos e a permanência de velhas visões em tempos que se fazem novos. É por onde o fenômeno literário encontra seu porquê: na síntese da realidade com suas forças sociais e no reflexo do comportamento e da essencialidade do homem, o que, no entrecruzamento de textos, procedimentos teóricos e metodológicos adotados por Rosa da Silva, Furtado e Cerdeira, a Literatura Comparada é capaz de demonstrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNEL, P. et alii. *Que é literatura comparada?* Trad. Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, USP, Curitiba: UFP, 1990.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6ª ed. v.1. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- _____. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- FURTADO, Magda Medeiros. "A memória invencível: literatura e história em João Ubaldo Ribeiro e José Saramago." In: *Anais do II Congresso da ABRALIC*. v. 2. Belo Horizonte: UFMG, 1991.
- JENNY, Laurent et alii. *Poétique: revista de teoria e análise literárias: intertextualidades*. Coimbra: Almedina, 1979.
- LOPES, Óscar & SARAIVA, Antonio José. *Historia da literatura portuguesa*. Porto: Porto, 1990.
- NITRINI, Sandra. "Em torno da literatura comparada." In: *Boletim bibliográfico*. São Paulo: Biblioteca Mário de Andrade, v.47, nº1/4 jan./dez. 1986.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores na escrivantina*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- _____. "Da influência ao intertexto." In: *Anais do II Congresso da ABRALIC*. V.2. Belo Horizonte: UFMG, 1991.
- POSNETT et alii. *A literatura comparada: textos fundadores*. Org. Eduardo Coutinho e Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SILVA, Edson Rosa da. "O ano da morte de Charles Baudelaire?" In: *Anais do II Congresso da ABRALIC*. v.3. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

SILVA, Tereza Cristina Cerdeira da. "Que farei(s) com este livro?": In: *Anais do II Congresso da ABRALIC*. v.2. Belo Horizonte: UFMG, 1991.